



jt sempre

Número 133 - 07 de junho de 2026

O Bom Satã



*Ah, o meu pai,
Seu nome
É também
Eternidade.*

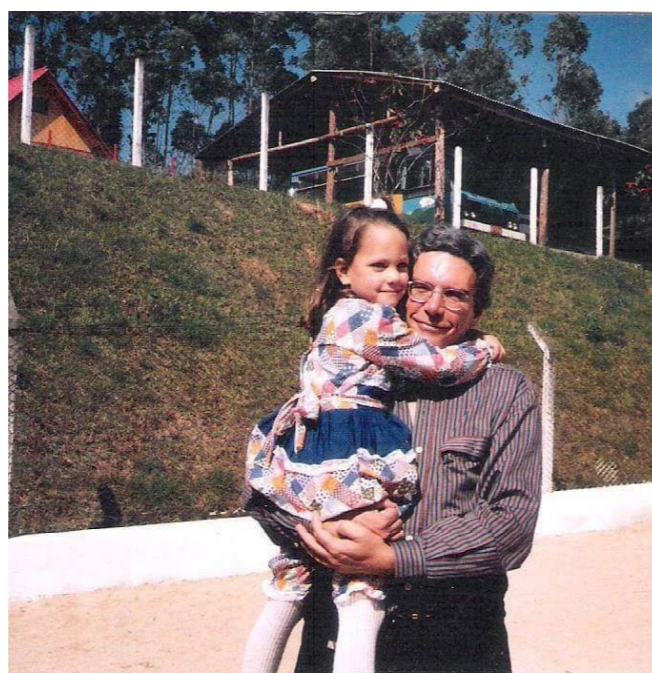
Mariana Portela, filha.

Fernando Antonio Torres Portela

Mariana Portela

Meu pai nasceu
três dias depois de mim.
Adoro estes paradoxos.
Há quarenta anos
menos três dias,
ele me veria,
nessa existência,
pela primeira vez.
Já nos vimos
muitas faces,
infâmias,
em mares taciturnos.
O meu pai me ensinou
a temer os escorregadores
e a mentir sobre minhas falhas juvenis.
Entanto,
levou-me à livraria,
onde pude ser rainha de inefáveis.
O meu pai me proporcionou
a minha primeira tartaruga
– foram tantas, nesta vida!
E todos os cachorros que escolhi.
O meu pai tem,
por minha causa,
trauma de cavalos.
E as histórias mais absurdas
verdadeiras.
Memórias de família.
O meu pai me ensinou
que a orfandade
é condição espiritual da grandeza,
embora adoeça todas as infâncias.
O meu pai encontrou aviões na Amazônia
e naus reticentes em atracar.
Meu pai trouxe,
entre militares,
os ossos de Dom Pedro ao Brasil.

Meu pai escreve,
divinal,
através dos anjos
e satãs.
Meu desejo
Para o dia de seus anos,
Meu pai,
É permanecer a resgatar
Os lugares onde viveram
As mulheres que te formam
Às vezes na mudez
Daquilo que eles chamam
Morte
Ou seria ancestralidade?
O meu pai,
Ah, o meu pai,
Seu nome
É também
Eternidade.



Com a pequena Mariana

Completo

Fernando Mitre

Quando o dom, que é aquela aptidão que nasce com a pessoa, se encontra e se mistura com a habilidade, que é adquirida pelo preparo, o resultado é um profissional completo e exemplar. Ou seja: Fernando Portela.

Trabalhei ao lado dele em um momento especial da nossa carreira: eu editor de geral e ele chefe de reportagem, fonte permanente de pautas criativas e brilhantes.

Em outra ocasião, eu já diretor, contei com Portela como repórter especial. Era um privilégio, comprovado a cada texto, a cada reportagem que chegava à minha mesa com aquela assinatura que era a marca da competência.

Eu sentia uma inquietação em Portela, como se ele estivesse sempre procurando algo diferente. A rotina não o satisfazia. E a resposta a isso era sempre uma grande ideia, que logo se transformava num momento especial do Jornal da Tarde. A brilhante série, que gerou o livro “Guerra de guerrilhas no Brasil”, pode ilustrar bem a história de Portela, onde sobram ousadia e talento.

Talento que se expressa na melhor linguagem referencial do jornalismo e pode saltar - como saltou tanto - o muro alto que guarda a fronteira do mundo onde floresce a função poética. Portela, o escritor completo.

E o Portela irônico, engraçado, gozador nos seus papos de redação? E o Portela malicioso, criando apelidos impagáveis nos botecos próximos do jornal? E o Portela inspirado nas

madrugadas de São Paulo quando andávamos pelas ruas depois do trabalho, falando de tudo, mas sem esquecer a poesia?

Portela era - e é, continuará sendo - tudo isso e muito mais.

Inúmeras passagens com Portela vão voltando à minha memória. Quase sempre muito divertidas. Numa delas, passei um bom tempo rindo do duelo de ironias e humor, às vezes, cáustico entre ele e Carlinhos Brickmann.

Fico imaginando um encontro dos dois agora.



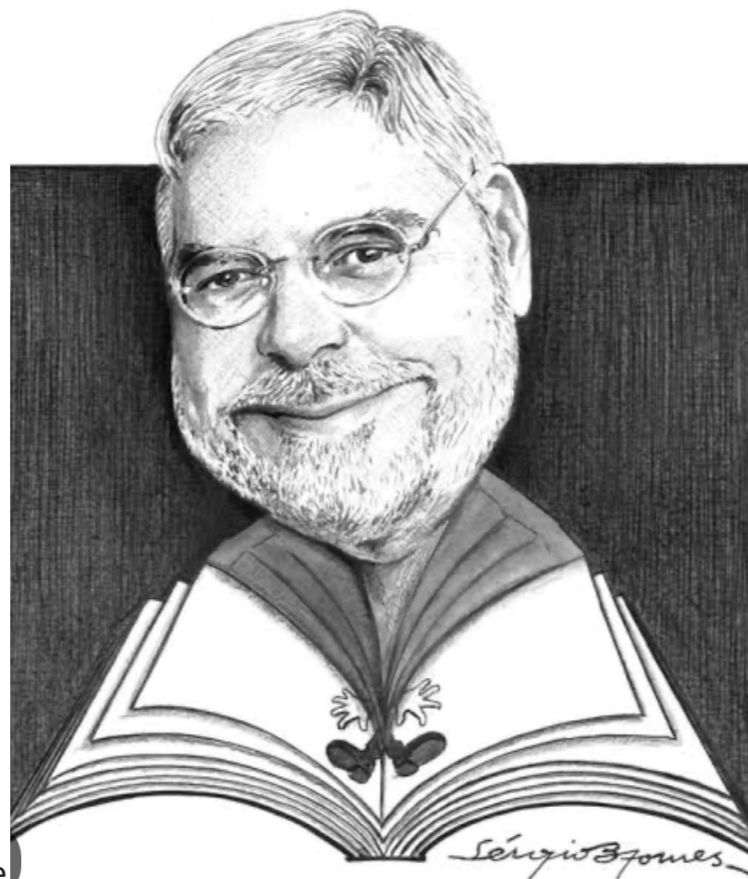
O mundo espiritual da Terra, segundo Portela.

Fernandos

Mário Marinho

Como um diamante, são vários os Fernandos que podem ser contados e encontrado em uma só joia. Num diamante, é possível contar: vão de 4 a 48 lados. Fernando Portela pode ser analisado pelo seu texto – brilhante, límpido, fácil. Também pelo caráter que é outro lado marcante, íntegro, honesto, absolutamente correto. Há também o professor, paciente e didático com seus alunos, os repórteres. Há o editor exigente. Mas há espaço também para o bom humor, às vezes ácido e ferino que mereceu o apelido de Satã que lhe foi dado pelo Fernando Mitre. Em um determinado momento, Mitre não quis mais usar o apelido por achá-lo desrespeitoso, abusado e indelicado. Não, Mitre, não é. Satã tornou-se uma reverência bem-humorada. E isso graças ao Doce Santã em que se transformou nosso Portela. Trabalhei ao lado do Fernando Portela por dois anos, de quando, o Murilo me tirou do Esporte, onde era sub do Sandro Vaia, e fui para a Geral ser sub do Anélio Barreto. Portela era pauteiro e chefe de reportagem. Foram dois anos muito proveitosos para mim. Conheci o lado tranquilo, sossegado e bem-humorado desse Satã. Um dia conversávamos exatamente sobre seu apelido e ele me confessou:

- Acho que estou criando um satãzinho lá em casa. E me contou que um dia seu filho, acredito que com uns cinco ou seis anos na época, estava fazendo alguma traquinagem e a mãe o repreendeu. O menino não deu a menor bola. A mãe abaixou-se para pegar o chinelo e aplicar-lhe corretiva chinelada. Menino, com voz forte e alto, exclamou em tom de ameaçador aviso: - Não pode pisar no chão frio descalça!!! Desmontou a santa mãe. Esperto, esse satãzinho...



Consolemo-nos

Moisé Rabinovici

Nosso Portela está agora com as respostas para os questionamentos que fez durante a vida inteira. Nunca acreditei que ele enxergasse a morte como um ponto final. Portela desconfiava dos finais definitivos. Conversávamos sobre espiritismo, Chico Xavier, reencarnação. Ele lia, pesquisava, argumentava. Amparou-me no suicídio de minha mãe. Tinha curiosidade de repórter e inquietação de filósofo. Adorava os pastores brancos que criava. Quando a filha Renata morreu, em 2021, escreveu uma das frases mais bonitas que já li sobre a perda de alguém: "Não merecia tanto sofrimento. Está agora morando no sonho." A frase falava da filha, mas também dele. Fernando Antonio Torres Portela, o nosso Satã, passou a vida entre a realidade e o sonho. Era um jornalista excepcional, um dos fundadores do Jornal da Tarde, autor de reportagens históricas que marcaram gerações de leitores e a imprensa nacional. Fez a grande investigação sobre a Guerrilha do Araguaia, seguiu os rastros do cangaço e transformou até o translado dos restos mortais de D. Pedro I numa série de crônicas memoráveis, escritas a bordo de um navio durante 12 dias em que, segundo ele próprio, não acontecia absolutamente nada. Acontecia. Portela estava lá. Ele lembrou: "(...) Escrevi literalmente sobre o nada. Ou melhor, joguei todo o meu veneno em textos aparentemente fúteis sobre uma viagem ridícula, entre duas ditaduras, que poderia ter sido feita em nove horas de avião. Relatei o doce far

niente enlutado da luso-brasilidade presente. Quase fui preso, mas valeu". Seu olhar encontrava histórias onde os outros viam só rotina. Seu humor encontrava graça onde os outros encontravam solenidade. Chamavam-no de Satã por causa da ironia fina e dos Contos de Satã que ele publicava, semanalmente, no Última Hora. Distribuía apelidos e cultivava implicâncias deliciosas. Declarou guerra pessoal a palavras como "icônico", "narrativa" e "tóxico". Sofria com o desaparecimento do trema. Achava "perrengue" uma agressão à língua portuguesa. E ainda lamentava, com perfeita seriedade, o fechamento do Limbo. Ao mesmo tempo, era capaz de discutir casos de reencarnação documentados por pesquisadores americanos, defender a homeopatia, afirmar que nunca acreditara na "morte analógica" e sustentar uma tese da qual dificilmente abria mão: os animais eram seres superiores. Anjos. Depois da morte da filha Renata, recolheu-se. A dor o visitou de uma forma que só os pais podem compreender. Tornou-se menos visível, mas não menos presente para os amigos. Hoje, ao saber de sua partida, prefiro imaginá-lo reencontrando a filha que tanto amava. Talvez esteja agora morando no sonho de que falava.

Talvez tenha finalmente encontrado as respostas sobre a vida depois da morte. Ou talvez esteja apenas distribuindo apelidos aos anjos e reclamando que, por toda a eternidade, alguém resolveu chamar o Paraíso de um lugar "icônico".

Carta

Marli Gonçalves

Portela,

Aqui, Marlizita, Marlizita do seu coração.

Caramba! Foi mesmo uma porrada a notícia de que tinha se mandado daqui desse plano.

Sei bem, no entanto, o quão preparado estava, uma vida toda, sendo Anjo, como te vi sempre, ou Satã, para a galera, com sua inegável verve. Tá todo mundo tonto aqui. Se você escorregar aí no céu, se não levou galocha, pode ver que tem rios, poças d'água de lágrimas. Eu mesma chorei por quase duas horas seguidas. Há muito não chorava assim. Que as lágrimas tenham refrescado, arejado e perfumado o caminho que percorrerá a partir de agora.

Amigo, Fernando, Portela, precisei sair para me recompor (mesmo que ainda chorando aos poucos por aí) e conseguir te mandar agora, na volta, essa mensagem. Vai estar na caixa de correios especial dos teus amigos do Jornal da Tarde que o nosso Mário Marinho está organizando, uma edição especial.

Lembrei de tantos momentos nossos! Lembrei quando te conheci, em 1979, quando você fez a matéria de capa do número 1 da Revista Especial, entrevista com o Mino Carta. Nunca mais nos deixamos, e uma das minhas alegrias ao chegar ao Jornal da Tarde foi que você estava lá.

Nisso, faz a conta: 47 anos de amizade

não é para qualquer um. Não temos fotos nossas, juntos, pelo menos não achei aqui hoje, mas vou mandar ao MM a capa dessa entrevista maravilhosa que fez, fotos do Oto Stupakoff.

Lembrei também da sua generosidade, sempre me chamando quando pôde para algum trabalho, sabendo que estava dura (aliás, como sempre, para variar), para talvez ganhar uns trocados, pensar algum projeto, algum sonho, alguma ideia – lembra do idosidade? Para variar, estávamos à frente do tempo; hoje virou moda a tal economia prateada. De como adorava suas mensagens, ter você como leitor, um privilégio. Nossas conversas em dias de aniversário geminiano. Vou sentir sua falta dia 8, e te mando adiantado um beijo para o seu dia 16.

Lembrei hoje também de nossa tristeza depois de muitos dias de trabalho (inesquecível ao seu lado, como aprendi!) na Série especial para o JT, Viver em Prédios, e ver depois todas as reportagens trituradas por causa daquela imbecil Guerra das Malvinas. Foi mesmo lamentável essa nossa decepção. Aliás nós dois odiamos guerras.

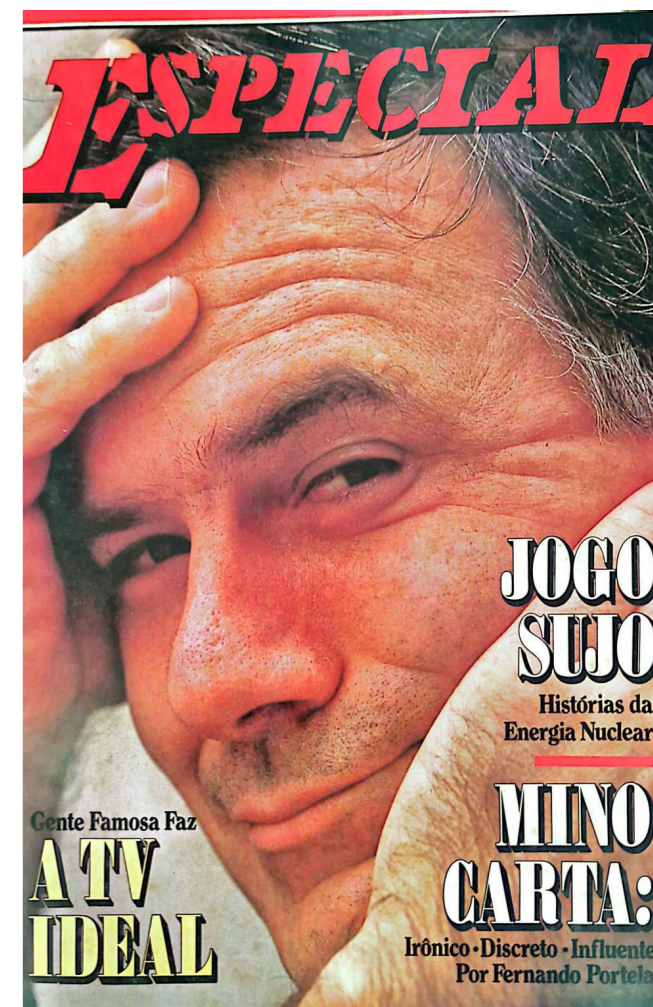
Como esquecer a ponte que construímos? Entre os guerrilheiros do Araguaia e você, para seu livro? Como representante feminista das mulheres, pelo Nós Mulheres no Comitê Brasileiro pela Anistia, CBA,

e amiga pessoal que acabei ficando da turma do Pcdob (Haroldo Lima, Aldo Arantes, Vladimir Pomar) que eu visitava todo sábado no Barro Branco, onde estavam presos e bem vigiados, eles lhe escreviam os relatos em pequenas folhas de papel bem dobradas que eu escondia dentro da calcinha. Respeitosamente, claro! Até essas aventuras vivemos! Até o fim da vida, Haroldo, amigo de tantas décadas, e que perdi na maldita pandemia, lembrava muito de você. Sempre nos encontrávamos quando vinha a São Paulo.

Ih, deixa eu te falar: o Mário pediu que contássemos alguma história de você. Todo mundo vai ter uma. Vou me abster, ok? Especialmente de comentar as frases perfeitas com que presenteava com seu olhar sobre pessoas e acontecimentos (foi isso que te deu o apelido Satã, né?). Melhor não. Carlinhos gargalhava quando eu me referia a você como Anjo (ele, cético, não sabia de nossas coisas do ar, desses outros mundos que nos conduzem quando aqui na Terra e do qual agora você faz parte).

Você deve lembrar que sempre disse “amo os Portelinhos”. Todos. De verdade. Você, Miriam, seu irmão Toinho, Mariana. Todos, pessoas boas, de luz, poesia e talento especial, palavras e textos de ouro. Eles vão ficar bem. Você vai dar um jeito nisso que bem sei.

Conversamos quando te chamei para que fosse à homenagem que os amigos do JT fizeram para mim e para o Reginaldo Manente no encontro desse ano. Se desculpou, me disse que não estava bem, mas melhorava, fora do hospital. Depois não falamos mais. E agora, essa!



Digitalizado com CamScanner

Meu amigo, quero lembrar sempre de você. Sinto sua presença aqui enquanto escrevo, e é muito leve, muito bom. Quero guardá-lo comigo dessa forma, e se me permite ficarei daqui orando por você e por nós. Suas cinzas semearão o mundo.

Obrigada por tudo o que construiu por aqui, cada um dos contos e romances, reportagens, passos que marcaram sua vida e a de tantos. Nossas vidas.

Cada risada.

Todo meu amor e carinho,
Marlizita

SP. 2 de junho de 2026

p.s.: nunca durante toda minha vida esqueci daquele seu ensinamento para passar invisível por pessoas más e “pesadas”. Sempre me envolvo na redoma de luz que me mostrou.

Do bem

Percival de Souza

As pessoas queridas não morrem, ficam encantadas, como bem escreveu Guimarães Rosa. No caso do Portela, ficou encantado, e isso é unanimidade entre nós. Bom repórter, bom texto, bom chefe de reportagem, bom editor, bom tudo da redação. Por vezes, era de um sarcasmo bem-humorado, que tinha na jornalista Yole di Capri uma de suas (e nossas) vítimas favoritas, além dos pobres focas, sempre alvo das nossas brincadeiras, como pedir ao Ming a regua para medir a inflação. Além, claro, de serem encarregados de buscar a pesada calandra das oficinas. A rigor, Portela foi a nossa versão para o já consagrado em apelidos com capetices, Narciso Kalili, o “diabão”, por causa de uma capa, foto dele, vermelhão e chifres, para a Realidade. Nosso Fernando Portela nunca nada teve a ver com o apelido, que biblicamente representa as forças do mal. Mas o querido Satã era exatamente ao contrário: do bem. Bom homem, bom caráter, bom amigo, bom colega, bom texto – escola e aula. No meu caso, foi editor e prefaciador de alguns livros, entre eles “A revolução dos loucos” e “O prisioneiro da grade de ferro”, além da coletânea pelos colegas do JT como autores, “Isto o jornal não conta”, quando por insistência dele posei totalmente pelado, numa foto sombreada, fumando, a capa fotografada pela Mamãe Fotoptica.

Certa vez eu estava no Mato Grosso, região do Pantanal, quando um homem foi devorado por piranhas. O nome do

infeliz, mencionado em várias notícias, era igualzinho ao meu! Preocupado, Portela ligou para a minha cara metade, informando que não se tratava de mim o abocanhado pelo réptil anfíbio. Estava salvo! Com o Bojunga, fez matérias inesquecíveis. Uma dupla incrível. Podemos até dizer que seus textos são como um vade mecum, referências obrigatórias para nos acompanhar e inspirar, pois impecáveis e com fortíssimas doses de sensibilidade. Vá em paz, amigo. Nossas preces te acompanham, agora que o céu ficou com menos luz, deixando um vácuo profundo na epiderme sensível das nossas almas entristecidas.



Nosso bom Satã até sorri...

Brilho

Humberto Werneck

“(...) Pernambucano de Olinda, Fernando Portela era uma das figuras centrais da vida na redação do Jornal da Tarde, e não apenas por comandar a Geral, uma das editorias mais importantes. Reinava por seu brilho de editor e repórter, mas também pelo humor vitriólico, que lhe valeu o apelido de ‘Satã’. Malignidade? Prefiro ver suas intervenções como clarões de inteligência envelopados em exercícios de virtuosismo verbal. Pois Portela, autor de obra respeitável, já era um craque do texto – categoria na qual também se encaixavam, por que não?, as observações que proferia de sua mesa, enquanto diagramava uma página ou canetava matéria de algum de nós. Pena que saísse

tão pouco à rua, sendo o extraordinário repórter que era. Reportagens suas viraram livro. Minha predileta é o diário de bordo que Portela destilou enquanto acompanhava a solene viagem marítima em que os ossos de Pedro I vieram de Lisboa para o Brasil, em 1972. Quando ia mais pesada a repressão da ditadura militar, Fernando Portela conseguiu passar nas entrelinhas a informação de que a mulher de um ministro graúdo tinha deixado a mesa do almoço para vomitar. A irreverência passou despercebida dos censores que, na época, atuavam nas dependências do jornal. (...)” Humberto Werneck, “O meu Jornal da Tarde” (Revista de Jornalismo ESPM, 2013.)

Falta

Marco De Rezende

A falta que faz um Portela É absurdo quando se vai um homem do porte de Fernando Portela. Além de fino repórter e estilista no texto, Portela era um gentleman sensível. Convivemos pouco no JT, pois fui logo para a Veja, mas mantivemos a amizade. Ultimamente falávamos de cães, nossa paixão comum, e de galinhas carijó, raça que ele chegou a criar em seu sítio. E nos seus tempos de FIAT tivemos grandes encontros em Roma e Turim, quando viajava à Itália a trabalho e falávamos sobretudo de jornalismo. Éramos jovens.



Dor

Toinho Portela

*Querido Marinho,
por mais que eu tentasse, não
consegui escrever uma frase que
traduza a dor que estou sentindo.*

Quem?

Mariana Portela

“Morrer talvez seja voltar para a Poesia”

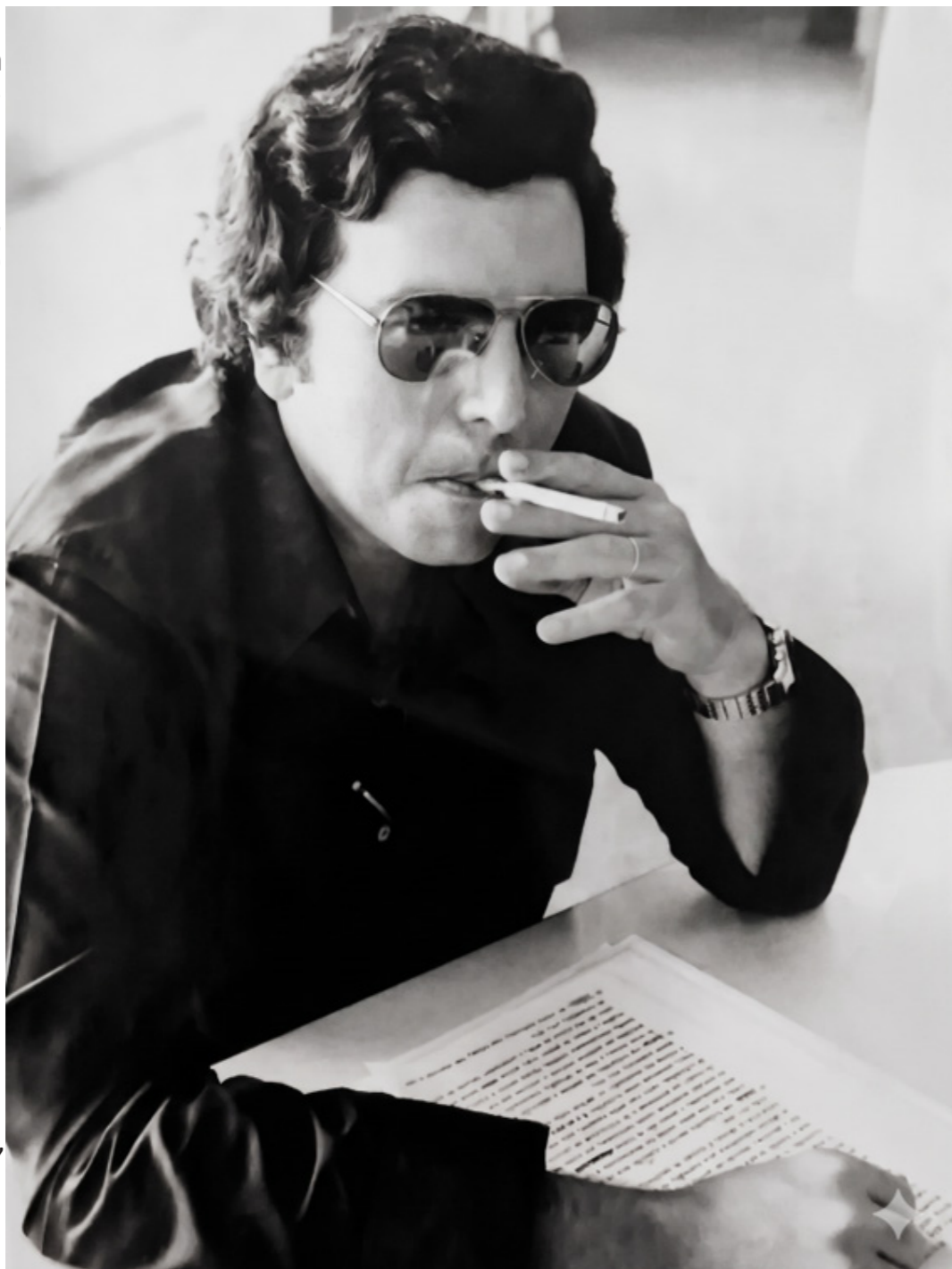
João Guimarães Rosa

Quem irá corrigir os meus textos, na alta madrugada, a partir de hoje? Ah, meu amado pai, desde o dia em que partiste, as homenagens não cessam. Quantas histórias incríveis deixaste, para a memória de todos nós...

Teus amigos – centenas deles – confessaram a tua missão de mestre. Que tu os ajudaste a serem jornalistas, a escreverem melhor, a rir dos absurdos e nunca desconfiar da existência dos anjos.

Nossas conversas, infinitas, também reverberam nos meus amigos.

Todos, sem exceção, possuem uma admiração imensa pelo homem que foste. As piadas infames, as confidências familiares do Recife, a ironia finíssima e o amor à língua. O que vou fazer, agora, sem ti?



Quem vai me guiar, na contramão das obviedades, nas profundezas etimológicas, no coração de cada palavra escrita? A tua presença está em tudo: em cada

cachorrinho que eu pude escolher, trinta anos atrás; no bullying com o meu boneco, que foi transformado em aberração; no teu medo de cavalos, por minha causa. Penso na Judith, a tua avó portuguesa, e no dia que consegui, finalmente, encontrar a sua certidão de nascimento, na Torre do Tombo. A alegria que sentimos, juntos, quando o broche da tua mãe chegou até às tuas mãos.

Recordo a raiva que sentias quando alguém não entendia meus escritos e a tua devoção aos seres superiores. O projeto dos anjos que ficou sem colocarmos na lei, as tuas últimas entrevistas com os teus amados amigos, o cheiro abafado do Araguaia.

Agradeço às Deusas por ter conhecido Veneza, a tua cidade favorita desse planeta, e por poder partilhar o encanto pela Itália: a língua mais doce da Universa,

os manjares, os licores com biscoito, o vinho do Piemonte. E por ter trazido meias bem quentinhas de lá para ti, meu friorento preferido. Não me arrependo de ter passado esses anos em Lisboa, porque nós nos falávamos, religiosamente, todos os dias. Tu conhecias a minha vida como se estivesse morando comigo, na Estrela, onde nasceu a tua avó.

Certa vez interroguei, ao

colocar a nossa foto:

“A gente saberia, nesse instante, quando as vírgulas seriam empregadas, corretamente? Nós dois vislumbraríamos as interrogações, os clichês, os preciosismos linguísticos?! Dilacerariam, os astros, nossas saudades estratosféricas?”

Queria compreender essa sabedoria infante, uma vez mais, com todo o amor que me transborda em tua presença, aqui e agora, meu pai!”

Deste-me, como último presente, a certeza de que a vida continua, em outra dimensão. E este mundo estava pequeno demais para a tua genialidade.

Espero que tenhas encontrado aquela biblioteca que estavas a visualizar, no quarto do hospital, na nossa última noite, neste plano.

Quem vai corrigir os meus textos e as minhas falhas mundanas?



Cenas



Miriam, a esposa, com a amiga Milai

Breth, a primeira esposa, e Carlos



Portela, Mariana (bebê) e Maria Fernanda.

Cenas



Renata, a filha que se foi em 2021



Com os filhos Alena e Carlos

Solidariedade

Milai C. Almeida

Desde a minha entrada no JT, dei-me sempre bem com o Portelinho, assim chamado dado o carinho que teve sempre comigo.

Uma das melhores coisas que me lembro foi a sua atitude num começo de maio de 1987 depois da matéria que havia passado na TV, sobre a fome e guerrilha em Moçambique.

Assim que cheguei à redação ele veio até a mim comentou isso e eu desolada disse : gostaria tanto de poder ajudar o meu País...

Na mesma hora ele falou : vamos fazer uma campanha para isso.

Poucos dias depois saiu este "anúncio" no rodapé da pág. 2 do Jornal da Tarde:



Eu e o João Chaves, moçambicano amigo do Portela com quem fiz esta campanha, nunca vimos o saldo desta conta. Acreditámos que foram 600.000 US\$ arrecadados!



Sentirei muiiitas saudades de nossas conversas , a última em maio de 2025 !

Milai
(geminiana como ele)



Miriam (a viúva), Milai e Portela

Inesquecível

Valdir Sanchez

O nosso Portela colaborava com um blog que mantenho até hoje.

Os textos dele faziam o diferencial, não eram simples artigos.

Trecho: "Geneide chorou de repente, tão de repente como quem sofre um infarto fulminante. Estava ali, falando sobre receitas, e de repente – chuá – as lágrimas foram surgindo..."

Grande pessoa. Em um dos lançamentos dos seus livros (que nunca perdi), deu-se o seguinte. A fila para a compra do livro era grande. Então, o já naquela época idoso, fui ao começo da fila e pedi a um casal que me permitisse passar na frente e ser atendido.

O casal fez cara feia e não deixou. Nesse momento, Portela, que tinha acabado de dar um autógrafa, ergue o rosto e vê o que acontecia. Exclama meu nome, levanta-se da mesa, me dá um abraço, e logo estava autografando.

O casal se arrancou de fininha... Conto esses fatos leves para não aumentar a dor pela perda de um amigo inesquecível...



O Bode Exiatório na visão de Ferando Portela que sabia, como ninguém, ser engraçado, espirituoso, irônico.

Editor

Sérgio Vaz

Fernando Portela era um grande editor. Entre as muitas facetas do seu talento, havia uma imensa generosidade e a capacidade de transmitir confiança para as pessoas que ele chefiava.

Fui testemunha dessas características.

Portela foi meu primeiro editor, quando cheguei ao JT, em julho de 1970, foquinha de tudo, levado pelo Gilberto Mansur, de quem eu era amigo desde o começo da adolescência, em Belo Horizonte – Surman era o namorado e depois marido da minha professora preferida no Colégio de Aplicação, a Vivina.

Portela editava a Reportagem Geral. Sandro Vaia era o sub dele.

Em fevereiro de 1971, eu portanto com uns seis meses e pouco de jornalismo, Portela me escalou para ir ao Recife, cobrir o carnaval da cidade, um dos melhores do Brasil – segundo os pernambucanos, a melhor festa do mundo, é claro.

O editor teve a generosidade, a ousadia, a coragem de correr o risco de mandar o foquinha para passar uma semana na terra dele e cobrir o carnaval!

Eu soube depois que teve um colega nosso que gozou a cara do Portela quando, ali pela sexta-feira, mandei uma primeira materinha, bem mixuruca. Tipo assim: - Pô, Satã, olha aí, meu, que palpite furado o seu, hein?

Na segunda-feira o JT publicou uma página e meia do foquinha, com uma



diagramação daquelas maravilhosas, de que só o JT era capaz.

Na quarta-feira de Cinzas teve mais uma página limpa.

Se Você não é jornalista, uma explicação: página limpa é aquela que não tem anúncio.

ou seja: o espaço é todo do jornalista.

Portela me deu um toque: eu poderia ficar um dia a mais no Recife, pra descansar, antes de voltar pra redação.

Passei uma tarde inteira tomando chope diante do mar com o Toinho Portela.

Honra

Vital Battaglia

Foi bem antes deste dia triste.

Eu tive a honra e o orgulho de trabalhar com o melhor

Repórter do Brasil.

Juntos escrevemos a série RSSB – República Socialista Soviética do Brasil – Uma longa série sobre a estatização da economia em nosso país.

Grande repercussão, linda história.

Chegávamos cedo no jornal.

Era a nossa vida.

Fazíamos parte de um grupo de

repórteres especiais, junto

A Marcos Faermann e Rodrigo Mesquita.

O Fernando tinha paixão

pelo jornalismo.

Durante nossa viagem para São João del

Rey para cobrir o enterro de Tancredo

Neves, trabalhamos até depois

da meia noite.

Jantamos rapidamente e o Portela

sugeriu que voltássemos de carro

Para Belo Horizonte.

Estávamos todos exaustos.

Cheguei a cochilar no volante várias vezes, indo

pela contra-mão da estrada.

Ainda bem que aquele dia em 1985 ainda não era o nosso dia.

Portela era espiritualista, não acreditava

que o nosso fim estivesse por aqui.

Por isso eu não acreditei quando li a notícia de sua passagem.

Nem quando o filho do homem o demitiu do jornal, considerando que

aos 46 anos ele estava velho demais para

continuar sendo o maior

Jornalista do País.

E foi por isso que o Jornal da Tarde,

que ele ajudou a fundar, morreu bem

antes.

E foi nesse dia que o Fernando parou de

sonhar.

Morreu com o jornal.

Tempo

Helena Mainieri

Cheguei no Jornal da Tarde junto da Cláudia Batista. Éramos amigas inseparáveis. Tive pouco tempo para acompanhar o Fernando Portela, porque cheguei em 1968 e sai em 1970.

Mas esse pouco tempo foi o bastante para comprovar a competência e o caráter do Portela.

Admiráveis.

Nesses últimos 20 anos estou vivendo aqui na Itália, mais precisamente na Toscana.

Sempre com muita saudade daqueles tempos.

Que belo jornal nós fizemos. Nunca vi nada igual ao Jornal da Tarde.

Naja

Sheila Lobato

Não sei bem como começou nossa amizade, dessas coisas que acontecem sem você perceber, mas quando se abre os olhos já está solidificado e já se passou mais de meio século!

Quando o conheci seu lado Satã ainda estava funcionando e se identificou como o meu aspecto, digamos, atira primeiro e pergunta depois. E foi aí que nasceu o apelido Naja.

O tempo passou e Satã descobriu sua alma angelical. Uma conquista e tanto! E de grande utilidade, pois garantiu seu ingresso no plano dos abençoados.

Nos últimos anos a distância física não abalou nossa relação, continuamos trocando figurinhas pelo watts, nos

telefonando nos momentos mais delicados, nos deliciando com Jessier Quirino, o último repente, datado do dia 21 de maio. Nunca, em nenhum momento me ocorreu que seria nossa derradeira conversa. Sua partida me deixou abestalhada e pensativa: será que estou cuidando com a devida atenção meus amigos queridos, será que lhes digo o quanto os amo, o quanto foram e são importantes?

Enfim, valeu cada segundo. Sei, tenho certeza, que você trilhou essa caminhada com coragem, fé e determinação e sua partida foi a coroação dessa trilha.

Até mais...



Para sempre

Nelson Merlin

Quando um amigo parte desse mundo, meu pensamento voa junto com ele. Chamo seus protetores, como chamei seus mestres d'além mar para que o sigam, peguem sua mão para que não se perca, e chegue ao porto seguro que todos esperamos encontrar um dia.

Mas este amigo que se foi ontem, eu não queria que fosse. Eu queria que o acontecido desacomodasse. Eu queria uma lei inversa, que ele voltasse de repente para trás e nos vissemos passeando nas alturas da Costa Amalfitana, nas noites paulistanas, nos dias agitados e sem fim da Redação do Jornal da Tarde, onde passamos uma boa parte de nossas vidas, ainda jovens e desafiando o futuro que consumíamos avidamente no presente.

Um dia, tocou o telefone na minha sala na Folha de Londrina, há uns 30 anos atrás. Ele me convidava para juntar-me a um grupo de jornalistas brasileiros que ia levar para a Itália a conhecer os últimos avanços da Fiat na construção de automóveis em linhas de produção automatizadas.

Portela já não trabalhava mais em Redações, mas no departamento de imprensa da Fiat em Betim, Minas Gerais. Dali ele me ligou e nem deixei que continuasse. Aceitei o convite na hora, para uma viagem inesquecível ao norte e ao sul da terra dos ancestrais de meu pai e meus avós paternos, os Merlin pioneiros de Bento Gonçalves e Farroupilha, então chamada Nova Vicenza, na Serra Gaúcha.

Foi ele que me religou às minhas

origens nesta vida. Nessa viagem conheci Camilo Fré, que trouxera a Fiat para o Brasil, foi presidente da empresa aqui e se tornou seu grande amigo.

Camilo e ele riram quando o grupo pediu que nos levassem a uma pizzaria quando estávamos em Nápoles, para conhecermos a verdadeira pizza napolitana.

Por que riem? — perguntei.

“Perche la pizza italiana é una buona porqueria”, respondeu Camilo, um italiano de família nobre e, portanto, insuspeito para falar da culinária local.

E completou, totalmente em português: “A boa pizza italiana se come no Brasil, em São Paulo, no Rio, em Belo Horizonte.

Não aqui, definitivamente”.

Na Piazza Navona, em Roma, Portela nos levou a tomar um café após o almoço, num bar da praça, quase em frente ao chafariz.

“É para molharem o biscoito”, disse, com um sorriso indecente...

Foi o melhor cafezinho que tomei na vida. Ristreto, de um gole só.

Temperatura ideal, sabor profundo e forte que ficou na boca o resto do dia.

O café não era brasileiro, mas um blend italiano da melhor qualidade.

“Eu não disse que você não ia se arrepender?”

Imagine se eu poderia me arrepender de algo que viesse do Portela?

Estarei com ele pela eternidade, esse bom pernambucano que sabia ser amigo de todo mundo, solidário, risonho, encantador.

Um Fernando Portela.

*Muita luz
para sua nova vida*



FERNANDO ANTONIO
TORRES PORTELA

16.06.1943 — 02.06.2026